

DEBANDADA

Saída dos irmãos Trad não vai estremecer o PMDB, diz Mochi

Fábio foi o primeiro a deixar o partido, alegando incompatibilidade de pensamento e perseguição

VALQUÍRIA ORIQUI

A saída do ex-deputado federal Fábio Trad do PMDB não deve estremecer o partido, segundo o presidente regional do PMDB e deputado estadual Júnior Mochi. Para ele, a sigla é maior do que os fatos que vêm ocorrendo no cenário político de Mato Grosso do Sul. “O PMDB tem história e já era forte antes da entrada da família Trad”, declarou. Ainda conforme o presidente, a saída de Fábio Trad já era esperada, pois, em fevereiro, ele havia protocolado o pedido de desfiliação.

“Após fazer o pedido de desfiliação (em fevereiro), ele solicitou que eu aguardasse, pois ele estava conversando com a cúpula do partido e que ia retardar a saída que, diante dos acontecimentos políticos, é natural. Respeitamos e acatamos, óbvio que é uma liderança importante que tem musculatura eleitoral e credibilidade para o PMDB, mas faz parte do processo político”, declarou Mochi.

Na segunda-feira (15), Mochi disse que as portas do partido estão abertas para saída de Nelson, Fábio e Marcos Trad. O recado foi dado por meio de nota, divulgada após uma semana conturbada para o partido em que a principal liderança peemedebista, o ex-governador André Puccinelli, e os irmãos trocaram farpas nas redes sociais e entrevistas à imprensa. Com o término da relação, André terá de intensificar a busca por um candidato do partido para concorrer à Prefeitura de Campo Grande nas eleições do ano que vem.



CÚPULA. Presidente do PMDB, Júnior Mochi declarou que o partido tem história e já era forte antes mesmo da entrada da família Trad

Como importantes lideranças do PMBD, a troca de legenda de Fábio, que deve puxar a fila para os irmãos Marquinhos e Nelsinho, deve alterar o xadrez político para as eleições municipais do ano que vem. O novo partido dos candidatos ainda é um mistério e já levanta suposições em outras siglas que também pretendem lançar candidatura própria em 2016. “São pessoas que têm uma história e é natural que o partido para o qual eles forem seja fortalecido”, avaliou

o deputado estadual Rinaldo Modesto (PSDB), cuja irmã, a vice-governadora Rose Modesto, é candidata natural à disputa da Prefeitura de Campo Grande.

Ainda segundo Rinaldo, a saída dos irmãos equivale à renovação do PMDB. “A saída dos Trad do PMDB será boa para a democracia, quanto mais candidatos tiver, é melhor. O que acaba dando oportunidade para a população da nossa cidade escolher. Quando tem uma música de uma nota só, não é legal. Es-

sa renovação no poder é um dos princípios básicos da democracia, fortalece. Eles, por suas razões já publicadas, não têm condições de continuar no partido”, continuou. O suplente foi o primeiro a deixar o PMDB e deve puxar a fila para os irmãos Marquinhos e Nelsinho. A saída dos Trad vai fazer com que o partido renove suas lideranças e faça surgir novos políticos para ocupar espaço deixado por figuras que fizeram história na política sul-mato-grossense e repense nomes de peso para

disputar as eleições de 2016. O deputado estadual Renato Câmara (PMDB) acredita que, com a saída dos colegas do partido, outras lideranças possam se fortalecer. “Cada político acaba construindo a sua história. É igual a uma floresta: Quando você tem uma árvore muito grande e ela é retirada, as árvores que estão abaixo dela acabam crescendo mais. A política é um ciclo natural também, uma grande liderança acaba saindo para que outras, que estão um pouco ofuscadas, se fortale-

Saiba

Suplente adiou saída para evitar punição

Fábio Trad adiou a saída para não ser punido por ser primeiro suplente da coligação do PMDB. Ele aposta na vitória do deputado federal Geraldo Resende, pré-candidato do partido à Prefeitura de Dourados em 2016. Nesse caso, Fábio retornaria à Câmara dos Deputados.

çam”, declarou o peemedebista. A deputada estadual Antonieta Amorim (PMDB), cuja trajetória é diretamente ligada à família Trad (ela foi casada com Nelsinho), diz que a saída dos irmãos Trad não se deve a perseguições políticas ou má vontade do partido, como os próprios vêm acusando. “Se agora eles pretendem tomar outro rumo é uma questão pessoal. Mas dizer que houve perseguição e má vontade do PMDB em relação a eles, eu acho que não, senão eles não seriam candidatos. O PMDB sempre agasalhou a família Trad, inclusive os últimos mandatos, tanto do Nelsinho, do Fábio e do Marquinhos, foram pelo PMDB, a saída dos Trad é uma questão de foro íntimo, eles têm direito de escolher outro caminho”, avaliou.

CUSTO POLÍTICO

Sem CPI, Marquinhos se envolve com audiência pública

Deputado está de olho no voto para Prefeitura de Campo Grande

ZANA ZAIDAN E VALQUÍRIA ORIQUI

De olho em palanque para pavimentar sua candidatura à Prefeitura de Campo Grande em 2016, o deputado estadual Marquinhos Trad (PMDB) promove hoje (17) audiência pública para debater o reajuste na conta de luz. O peemedebista afirma que tem recebido denúncias de “cobranças exorbitantes nas tarifas de energia elétrica”, para justificar a promoção do debate na Assembleia Legislativa. Em março, o deputado usou estratégia semelhante ao propor a denominada “CPI da Enersul/Energisa”, mas, como os trabalhos estão suspensos por ordem judicial desde o início de maio, Marquinhos retomou a discussão sobre a cobrança - tema que já o projetara no Legislativo quando ele relatou a primeira CPI da Enersul, por meio da audiên-

cia. O deputado tratou, ainda, de espalhar outdoors que estampam seu rosto pelos bairros de Campo Grande, convidando a população a discutir a conta de luz.

Na época em que pediu abertura da comissão, o deputado fez duras acusações à Enersul para convencer os demais a aprovar a investigação. Ele afirmou que políticos do Estado receberiam dinheiro irregularmente da empresa, o que configuraria uma espécie de mensalão, além de apontar desvios de R\$ 700 milhões dos cofres da concessionária. As denúncias constariam, segundo deputado, em relatório da PwC, que fez auditoria na Enersul, a que ele teve acesso. Diante da gravidade dos fatos, a CPI foi instaurada, mas, dias depois, quando também tiveram acesso ao documento, os parlamentares afirmaram constatar não haver nenhum político beneficiado pelos

supostos desvios. Na época, o presidente da comissão, Paulo Correa (PR), acusou Marquinhos de usar a investigação como palanque político para 2016.

O peemedebista tentou presidir os trabalhos e, depois, relatar a CPI, mas foi preterido pelos demais do colegiado e acabou como integrante, papel que não garante holofotes.

CULPA GARANTIDA

Por ora, a CPI continua suspensa, a pedido da Energisa, acolhido pelo Tribunal de Justiça. A Assembleia entrou com recurso para retomar a investigação, que deve ser analisado hoje (17), mas, antes do julgamento, a Procuradoria-Geral do Estado emitiu parecer, na última segunda-feira (15), recomendando que a comissão seja mantida sem, no entanto, incluir a Energisa no procedimento. O pedido é para que a apuração se restrinja



ATO. Marquinhos Trad pretende debater hoje o reajuste na conta de energia do consumidor do Estado

ao período anterior à aquisição da Enersul pelo grupo e, ainda, que o nome do grupo seja retirado da denominação oficial da CPI.

Mas, para o deputado Bento Pereira (PDT), relator da

CPI, isso não muda em nada a responsabilidade da Energisa. “Independente de tirar a Energisa, o CNPJ é o mesmo, e, sendo ela a sucessora, será responsabilizada automaticamente”.

Já Paulo Correa, como presidente, avaliou com estranheza a insistência da Energisa em não ser investigada. “Quem está muito preocupado em tirar o nome é porque tem alguma coisa”.